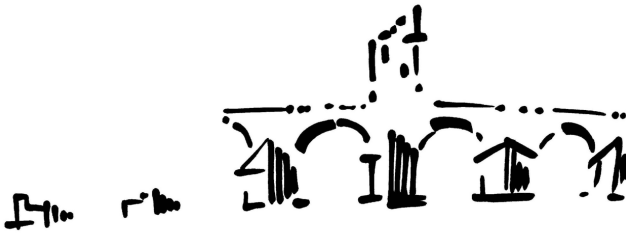


Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 16 / 2022



2022

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEX) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director – Juan M. Carrasco González: direccion@revistalimite.es

Secretaría – María Luísa Leal / M^a Jesús Fernández García / Guillermo Vidal Fonseca:
secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Julie M. Dahl (University of Wisconsin-Madison)

Luísa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

Iolanda Ogando (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad Autónoma de Madrid)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Ofília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidade de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09 . I.S.S.N.: 1888-4067

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 16 – Año 2022

Longos dias têm cem anos: *com Agustina Bessa-Luís*

Coordinación

Maria Teresa Nascimento
(Universidade da Madeira)

Isabel Ponce de Leão
(Universidade Fernando Pessoa)

Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes.

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 16 – 2022

Longos dias têm cem anos: com Agustina Bessa-Luís

SUMARIO / SUMÁRIO

Maria Teresa Nascimento – Prefácio	9-12
Alda Maria Lentina – Virgens, solteiras e poderosas: mulheres na obra de Agustina Bessa-Luís	13-30
Fernanda Barini Camargo – No encaço da <i>Sibila</i> : ler o espaço doméstico em Agustina Bessa-Luís	31-52
Maria do Carmo Cardoso Mendes – Agustina Bessa-Luís leitora de Luís de Camões	53-66
José Cândido de Oliveira Martins – Viagens, identidade e memória em Agustina Bessa-Luís e Maria Ondina Braga	67-87
Maria do Rosário Lupi Bello – <i>A Corte do Norte</i> – do livro ao filme	89-100

Testimonios / Testemunhos

António Braz Teixeira – Agustina e o Aforismo	103-104
Isabel Ponce de Leão – A linguagem é o recipiente do pensamento	105-106
José Viale Moutinho – Lenta, silenciosa, desconhecendo	107
Maria Helena Padrão – Agustina Bessa-Luís, uma paixão	109-111
Renato Epifânio – Agustina Bessa-Luís na <i>Nova Águia</i>	113-114
Salvato Trigo – A UFP e Agustina Bessa-Luís	115-117
Sérgio Lira – Museu Agustina Bessa-Luís – breve história de um projecto	119-126

Varia

Nuno Brito – As mãos, o coração, o mundo: o excesso e a intensidade na poesia de Carlos Drummond de Andrade	129-147
--	---------

Rui Tavares de Faria – Figurações da Ilha na poesia de Natália Correia: da expressão da açorianidade à busca da universalidade	149-163
Marina Barba Dávalos – Condena musical en <i>Os Dous Renegados</i>	165-194
Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes – Tradução teatral para galego no período 1916-1936: <i>corpus</i> atualizado de obras e das suas fontes à luz de descobertas recentes	195-218
Mercedes Soto Melgar – La influencia del Portugués en la terminología marinera gaditana: los lusismos en el habla viva de los pescadores	219-256
Idalina Camacho / Carla Aurélia de Almeida – Estratégias de proteção e mitigação do discurso em Português Língua não Materna: um estudo de caso	257-292

Reseñas / Recensões

Elisa Nunes Esteves – <i>Poetas del Alentejo</i> (Selección e Introducción de Ana Luísa Vilela e Antonio Sáez Delgado, Traducción de Juan Vivanco Gefaell), Lisboa, Ed. Shantarin, 2022, 163 pp.	295-299
Guillermo Vidal Fonseca – Carlos Callón, <i>O libro negro da lingua galega</i> , Vigo, Xerais, 2022, 767 pp.	299-305
José Cândido de Oliveira Martins – Plutarco, <i>Como deve o jovem ouvir os poetas?</i> Trad., introd. e notas de Marta Várzeas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 108 pp.	305-308
José Cândido de Oliveira Martins – José Augusto Cardoso Bernardes, <i>A oficina de Camões: apontamentos sobre Os Lusíadas</i> , Coimbra, Imprensa da universidade, 2022, 260 pp.	308-310
José Vieira – Barbara Gori, <i>Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar. Estudos sobre a Prosa</i> , Lisboa, Edições Colibri, 2022, 254 pp.	310-313
Juan M. Carrasco – Gilberto Mendonça Teles, <i>Vanguarda europeia & modernismo brasileiro</i> , 21ª edição, Edição ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 2022, 656 pp.	313-315
Normas de publicación / Normas de publicação	317-321

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 16 – 2022

Longos dias têm cem anos: with Agustina Bessa-Luís

SUMMARY

Maria Teresa Nascimento – Preface	9-12
Alda Maria Lentina – Virgins, single and powerful: women in the work of Agustina Bessa-Luís	13-30
Fernanda Barini Camargo – In pursuit of the <i>Sibyl</i> : reading domestic space in Agustina Bessa-Luís	31-52
Maria do Carmo Cardoso Mendes – Agustina Bessa-Luís reader of Luís de Camões	53-66
José Cândido de Oliveira Martins – Travels, identity and memory in Agustina Bessa-Luís and Maria Ondina Braga	67-87
Maria do Rosário Lupi Bello – <i>The Northern Court</i> - from book to film	89-100

Reflections

António Braz Teixeira – Agustina and the Aphorism	103-104
Isabel Ponce de Leão – Language is the container for thought	105-106
José Viale Moutinho – Slow, silent, unknowing	107
Maria Helena Padrão – Agustina Bessa-Luís, a passion	109-111
Renato Epifânio – Agustina Bessa-Luís in <i>Nova Águia</i>	113-114
Salvato Trigo – The UFP and Agustina Bessa-Luís	115-117
Sérgio Lira – Museum Agustina Bessa-Luís - brief history of a project	119-126

Varia

Nuno Brito – The hands, the heart, the world: excess and intensity in the poetry of Carlos Drummond de Andrade	129-147
---	---------

Rui Tavares de Faria – Figurations of the Island in Natália Correia’s poetry: from the expression of Azoreanity to the search for universality	149-163
Marina Barba Dávalos – Musical revenge in <i>Os dous renegados</i>	165-194
Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes – Theatre Translation into Galician (1916-1936): An Updated Corpus of Translated Plays and Sources in Light of Recent Findings	195-218
Mercedes Soto Melgar – The influence of portuguese in the seafaring terminology of Cádiz: lusisms in the spoken language of native fishermen	219-256
Idalina Camacho / Carla Aurélia de Almeida – Hedging Strategies and Mitigation in Portuguese as a non-native Language: a case study	257-292

Book Reviews

Elisa Nunes Esteves – <i>Poets of the Alentejo</i> (Selection and Introduction by Ana Luísa Vilela and Antonio Sáez Delgado. Translation by Simon Park), Lisboa, Ed. Shantarin, 2022, 163 pp.	295-299
Guillermo Vidal Fonseca – Carlos Callón, <i>O libro negro da lingua galega</i> , Vigo, Xerais, 2022, 767 pp.	299-305
José Cândido de Oliveira Martins – Plutarco, <i>Como deve o jovem ouvir os poetas?</i> Translation and introduction by Marta Várzeas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 108 pp.	305-308
José Cândido de Oliveira Martins – José Augusto Cardoso Bernardes, <i>A oficina de Camões: apontamentos sobre Os Lusíadas</i> , Coimbra, Imprensa da universidade, 2022, 260 pp.	309-310
José Vieira – Barbara Gori, <i>Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar. Estudos sobre a Prosa</i> , Lisboa, Edições Colibri, 2022, 254 pp.	310-313
Juan M. Carrasco – Gilberto Mendonça Teles, <i>Vanguarda europeia & modernismo brasileiro</i> , 21ª edição, Edição ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 2022, 656 pp.	313-315
Standards of publication	317-321

Agustina Bessa-Luís leitora de Luís de Camões

Agustina Bessa-Luís reader of Luís de Camões

Maria do Carmo Cardoso Mendes
Universidade do Minho
mcpinheiro@elach.uminho.pt
Data de receção do artigo: 28-07-2022
Data de aceitação do artigo: 27-09-2022

Resumo

Este ensaio tem como principais objetivos: 1. Reconstruir os comentários de Agustina sobre o lugar crucial de Camões na história cultural portuguesa – produzidos em artigos publicados ao longo das décadas de 1980 e 1990; 2. Demonstrar que Agustina tem um profundo conhecimento da obra de Camões; 3. Analisar os juízos de Agustina sobre diversos episódios do poema épico *Os Lusíadas*; 4. Demonstrar que os textos de Agustina Bessa-Luís constituem um relevante contributo para o conhecimento da posteridade de Luís de Camões.

Palavras-chave: Bessa-Luís (Agustina) – Camões

Abstract

The main purposes of this essay are: 1. To reconstruct Agustina's comments on Camões' crucial place in Portuguese cultural history – as seen in articles published throughout the 1980s and 1990s; 2. To show that the contemporary Portuguese writer has a deep knowledge of Camões' work; 3. To examine Agustina's views on the epic poem *Os Lusíadas*; 4. To highlight Bessa-Luís' contribution to later knowledge of Luís Vaz de Camões.

Key-words: Bessa-Luís (Agustina) – Camões

1. A repercussão de Camões na literatura portuguesa do século XX mostra que, em diferentes géneros e com distintos propósitos, o poeta foi uma presença constante. Os mais relevantes diálogos intertextuais, no âmbito da receção portuguesa, são acutilantemente analisados em entradas do *Dicionário de Luís de Camões* (2011) da

autoria de José Carlos Seabra Pereira. Destaco os textos “Camões e o(s) modernismo(s) em Portugal” e “Camões e o Neorromantismo”.

Observa Márcia Arruda Franco (2011: 337) que “na poesia escrita em português ulteriormente a Fernando Pessoa, é manifesta a presença de Camões não apenas no cânone literário, mas como bem simbólico”.

Ao influxo camoniano não foi indiferente a escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís, que com o poeta (lírico e épico) e o homem (ou, mais justamente, a sua visão biograficamente romanceada) estabeleceu múltiplos diálogos.

Agustina, cujo primeiro centenário de nascimento se celebra em 2022, foi uma leitora atenta da obra camoniana (citando e comentando com frequência versos de sonetos, de canções e do poema épico *Os Lusíadas*) e uma intérprete da vida do poeta quinhentista. Em numerosos ensaios e artigos, procurou ler o tempo de Camões e, sobretudo, a sua posteridade na cultura portuguesa. Fê-lo de forma desassomburada e rigorosa, mas também intimista, não evitando o seu olhar muito pessoal da biografia e da produção literária de Camões. Vencedora do Prémio Camões em 2004, Agustina reconheceu que, lendo o poeta, “Às vezes, um só verso descobre nele engenho tamanho que a gratidão nos embarga a voz”.

Agustina não ocultou também um sentido de autocrítica, revelando a sua surpresa e as suas limitações, enquanto prosadora, para acolher solicitações de escrita sobre Camões. Em “A alma escrita” (conferência realizada em Caracas, em 10 de junho de 1984), confessa estes dois sentimentos:

(...) encarregam-me, com ingenuidade assombrosa, de fazer o retrato dos poetas, de lhes construir altares e tronos ou tecer-lhes coroas de louros para substituir as que traziam e não estavam já verdes e viçosas. É o caso de Camões, o nosso vate oficial, o mais alto monumento das nossas letras. Não digo que ele está mal entregue nas minhas mãos; digo que não posso ajustar nele o espírito da poesia, porque eu não sou poética (Bessa Luís 2000: 94).

Será porventura esta natureza de prosadora que leva Agustina a efabular sobre motivações camonianas para a escrita. Assim, a respeito de *Os Lusíadas*, oferece uma visão muito peculiar acerca dos intuitos do poeta: “Quando Camões compunha *Os Lusíadas*, servia-se decerto mais do dicionário mitológico do que dum estado de puro êxtase e devaneio poético” (Bessa-Luís 2000: 95-96).

As reflexões de Agustina, nas suas ambiguidades e contradições – refletindo, talvez, a sua conceção sobre as ambivalências essenciais da própria natureza humana –, constituem, portanto, um relevante contributo para o conhecimento da receção da vida e da obra camonianas na literatura e na cultura portuguesas do século XX.

Agustina teve consciência da universalidade e da intemporalidade da obra de Camões, e sobre elas teceu observações sagazes e atentas à fortuna crítica da obra do poeta.

Procuo neste ensaio: reconstruir os comentários de Agustina sobre o lugar crucial de Camões na história cultural portuguesa – produzidos em artigos publicados ao longo das décadas de 1980 e 1990; demonstrar que Agustina revelou conhecer a obra de Camões; analisar os juízos de Agustina sobre diversos episódios do poema épico *Os Lusíadas*; explicitar a visão algo desencantada da escritora sobre a receção camoniana na cultura portuguesa, em grande medida ecoando o lamento do poeta no final de *Os Lusíadas*; examinar as considerações da escritora sobre o percurso de Camões, destacando os comentários que lhe mereceu a sua passagem por Macau; manifestar o contributo dos textos de Agustina para o conhecimento da fortuna cultural da obra de Luís de Camões.

No ano de comemoração dos 450 anos de publicação de *Os Lusíadas*, julgo oportuno visitar a receção do poeta quinhentista na escritora contemporânea.

2. Uma das entradas do *Dicionário Imperfeito* de Agustina Bessa-Luís é dedicada a Camões e começa com uma frase algo provocatória: a escritora afirma liminarmente que “Não sou dos que morrem de amores por Camões” (Bessa-Luís 2008: 36).

A observação citada poderia fazer supor que o homem e o poeta quinhentista não merecem uma especial atenção na obra da ficcionista portuguesa. Todavia, logo após esta afirmação perentória, Agustina reconhece que “Camões é o grande vate que o país merece, sem que nisso haja interpretação duvidosa. Às vezes, um só verso descobre nele engenho tamanho que a gratidão nos embarga a voz” (Bessa-Luís 2008: 36).

O reconhecimento, aliado à expressão de um juízo sobre a qualidade literária do poeta renascentista, não autorizam a vermos na obra da escritora portuguesa uma influência marcante de Camões, como acontece, por exemplo, com Proust, Dostoievski ou Thomas

Mann, no que a influxos estrangeiros respeita, ou com Camilo Castelo Branco, o escritor português que mais marcou a sua obra literária e com o qual estabeleceu diálogos mais intensos.

O escritor russo Fiodor Dostoievski teve uma influência marcante na ficção de Agustina, sobretudo pela dimensão do sentido trágico da vida. Tal influência pode identificar-se desde logo no primeiro romance publicado pela escritora, *Mundo Fechado* (1948), tal como foi sublinhado por Álvaro Manuel Machado:

Desde *Mundo Fechado*, partindo do modelo de Dostoievski, na sequência e em particular devido à expansão deste modelo de Raul Brandão a José Régio (...), Agustina elabora um processo lúdico de cumplicidades várias com o leitor através das cumplicidades com os próprios modelos (Machado 2008: 35).

No modelo dostoiévskiano encontrou Agustina inspiração para os retratos de diversas personagens, designadamente: Porfírio, em *Ternos Guerreiros* (1960), João Trindade, em *Eugénia e Silvina* (1989) e José Rui, em *Antes do Degelo* (2004). Acerca do último, confessa a narradora o peso que a leitura de *Crime e Castigo* teve na formação da personalidade e na tomada de decisões: “O personagem mítico de José Rui era Raskolnikov, o estudante que assassina a velha agiota. Lia o livro vezes sem fim e encontrava sempre novas ideias” (Bessa-Luís 2004: 33).

O influxo proustiano, por sua vez, identifica-se desde logo em *A Sibila*, através da “ambígua complexidade da personagem e das suas labirínticas relações com os outros, inaugurando, através do espírito do lugar, os arquétipos temáticos do mistério e do hábito do ser, num tempo e num espaço circulares, isto é, míticos” (Machado 2008: 36).

No conjunto dos muitos momentos que Agustina dedicou à vida de Camilo e a traços da sua personalidade, destaco o texto “Camilo Castelo Branco: um pé dentro do mar, outro na areia” (escrito em 1964), o romance *Fanny Owen* (1979), a obra *Camilo Génio e Figura* (1994) e a entrada “Camilo Castelo Branco” no *Dicionário Imperfeito* (2008). Ao lado deste interesse, deve ainda sublinhar-se a intertextualidade presente no romance *Fanny Owen*, cujas personagens – desde logo José Augusto – são delineadas pelo paradigma romântico camiliano.

Pretendem as observações anteriores demonstrar que a relação de Agustina com escritores estrangeiros e com o português Camilo são explicitamente confessadas e possibilitam a construção de um intenso dialogismo literário.

A presença de Luís de Camões – homem e poeta – não permite identificar marcas tão explícitas quanto as oferecidas por escritores como Dostoiévski, Proust ou Camilo. De facto, o interesse de Agustina por Camões não se situa no plano de diálogos literários diretos, mas numa vertente reflexiva em que se desvela não a romancista, mas sim a ensaísta e a biógrafa que ficcionalizou vidas – assim o fez também com Maria Helena Vieira da Silva, Florbela Espanca, o marquês de Pombal ou o pintor barroco holandês Rembrandt, para considerar apenas alguns exemplos de um percurso onde biografias romanceadas têm um lugar privilegiado.

A reconhecida firmeza de convicções de Agustina e a sua incapacidade para a aceitação do juízo fácil, do elogio gratuito e da retórica por vezes superficial do enaltecimento foram apontadas na feliz expressão de Eduardo Lourenço: “candura feroz”.

No seu diálogo não ficcional com Camões, Agustina buscou realizar, como se tentará demonstrar: uma biografia romanceada do poeta; um conjunto de comentários proporcionado por celebrações do 10 de junho (dia consagrado nacionalmente ao poeta e às comunidades portuguesas) acerca do seu entendimento da identidade nacional; e, por fim, uma possibilidade de visitar a História de Portugal na sua grandeza e na sua miséria, que tão magistralmente a obra camoniana plasmou.

São estas três linhas que determinam a receção de Camões em Agustina Bessa-Luís e que de seguida analiso.

3. A biografia de Camões é a vertente que merece considerações mais singulares de Agustina. Considera que a sua educação foi “antiquada e clássica” e que a sua existência foi a de um “pícaro”, aspeto que, todavia, não extravasa para a obra literária. No termo da vida, o poeta terá sido dominado pelo abatimento e pela miséria, estados que Agustina explica como consequências da sua atração pelo poder. Um poder que lhe merece ainda outros comentários. De facto, não deixa a escritora de assinalar, recorrendo à citação, a importância da advertência que o poeta fez ao jovem rei D. Sebastião no final de *Os Lusíadas*, aconselhando-o a precaver-se contra os aduladores:

Não se aprende, Senhor, na fantasia,
 (...)
 Mas eu que falo, humilde, baixo e rude,
 De vós não conhecido, nem sonhado?

(Camões 2006: 446)

Trata-se de uma recomendação que o rei jamais terá escutado, concluindo Agustina, num desalento que evoca o de Camões no final do poema, que “um poeta morre devagar no desleixo dos seus contemporâneos” (Bessa-Luís 2008: 38).

Ao mesmo tempo, a reflexão sobre a biografia camoniana é um pretexto para que Agustina disserte sobre a vacuidade do discurso do poema épico perante um país “arrefecido de ingratidão” (Bessa-Luís 2008: 36). Estas palavras ecoam o lamento camoniano na estância 145 de *Os Lusíadas*:

Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho
 Destemperada e a voz enrouquecida,
 E não do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda e endurecida

(Camões 2006: 443).

Na sequência deste comentário, observa Agustina que ao longo de todo o poema épico se desvenda “um contemplar de vazio sem remédio” (Bessa-Luís 2008: 38). A sua leitura, portanto, convoca as luzes e as sombras dos tempos: o de Camões e o da própria Agustina.

É interessante também que Agustina recorde a sua experiência como leitora de *Os Lusíadas*. Ela remonta à adolescência e revelou-se, num primeiro contacto aos dez ou onze anos, pouco estimulante, pois a então adolescente foi forçada a “dividir as orações do primeiro canto” para concluir que o poema épico se tornou um “breviário seco” produzido não por um poeta, mas por um “malabarista do sujeito e do predicado” (Bessa-Luís 2008: 37).

Todavia, numa espécie de jogo permanente com o leitor, a mesma Agustina confessa em *Caderno de Significados* que a dificuldade de compreensão do poema camoniano se tornou um exercício de rigor: “Camões foi para mim uma dificuldade amável, gostava de dividir as orações nos *Lusíadas*, como se divide a risca do cabelo: escrupulosamente” (Bessa-Luís 2013: 17).

Parece evidenciar-se que a passagem do tempo trouxe à escritora uma disciplina e um entendimento mais substancial sobre a obra

camoniana, de tal modo que obstáculos de tenra idade se tornam fascínios na idade adulta. Assim, quando visita Macau pela primeira vez, a escritora manifesta o encanto que sentiu recordando o poema épico, em particular um episódio do canto IX – conhecido como a Ilha dos Amores –, que considera o ponto alto do dom poético e do bem-estar emocional:

(...) o mais emblemático d’Os Lusíadas. As ninfas que na ilha esperam os navegantes são a companhia eterna que os Deuses lhes destinam em prémio de tantas provações e sofrimento; significam o dom da poesia, conforto propício nos caminhos ásperos deste mundo. Significam a consolação de tantas dores sofridas e reforço à glória arrancada à avara sorte (Bessa-Luís 2017: 1877).

Esta interpretação que Agustina realiza do episódio da Ilha dos Amores enquanto símbolo de prémio merecido e tributo ao esforço humano ressoa as análises que foram feitas por diversos camonistas, designadamente por Aguiar e Silva em “Função e significado do episódio da Ilha dos Amores na estrutura de *Os Lusíadas*” e “Imaginação e pensamento utópico no episódio da Ilha dos Amores”.

Conservando uma acutilância permanente e um sentido crítico reiterado sobre a natureza muitas vezes fugaz de eventos comemorativos, Agustina observa Portugal, no ano de 1991, com certa melancolia, declarando que o desaparecimento do poeta quincentista teve um extraordinário peso simbólico na identidade nacional:

Foi-se o que Camões incarnava: o direito ao génio, que os povos desejam mais do que a vida consolada e alegre. Não se deve ao povo apenas justiça, mas sobretudo a esperança de célebres dias (Bessa-Luís 2017: 1878).

Porque vários textos sobre Camões são publicados a pretexto de celebrações do 10 de junho, Agustina não perdeu oportunidades para denunciar alguma superficialidade que em Portugal envolve a comemoração de um centenário.

Assim acontece quando escreve para um suplemento especial do Expresso, em 21 de junho de 1980, um breve texto ao qual deu o título “As pessoas vulgares e os génios infelizes”. Depois de defender que “As comemorações trazem com elas mais curiosidade do que interesse; mais persuasão passageira do que entendimento prolongado” (Bessa-Luís 2017: 950), defende que o que qualifica Camões como génio é a necessidade que Portugal tem de figuras geniais, pois “Os grandes homens são o amor-próprio dos povos” (Bessa-Luís 2017: 950).

No ano seguinte, Agustina é responsável pela oração proferida nas comemorações oficiais do Dia de Portugal, celebradas na cidade do Funchal. Procurando responder à questão que formula – “Quem são os grandes homens senão aqueles que melhor nos retratam?” – identifica em Camões o retrato da identidade portuguesa na nostalgia do afastamento:

Muitas das canções de Camões que parecem de amor, são matizados caminhos que nos descobrem Portugal. Assim, quando ele diz: ‘Só com vossas lembranças me acho seguro e forte contra o rosto feroz da fera Morte, e logo se me juntam esperanças com que, a fronte tornada mais serena, torno os tormentos graves em saudades brandas e suaves’, Camões não está a falar de uma mulher, mas da terra que deixou (...). As canções de amor de Camões só possuem tão lírica verdade porque respiram o ar distante da amada terra (Bessa-Luís 2000: 201-202).

A crítica não deixa de se fazer presente nesta reflexão sobre uma certa instrumentalização nacional de Camões: recordá-lo através de efemérides como o 10 de junho, dia dedicado ao poeta e às comunidades portuguesas, não passa com frequência de uma memória ténue que se extingue no próprio dia da homenagem, não trazendo consigo um verdadeiro esforço ou interesse nacionais em conhecer e aprofundar a obra camoniana.

Pode assim afirmar-se que para Agustina escrever sobre Camões tem por vezes um alcance mais amplo, pois vai além de uma reflexão – ou, mais precisamente, uma interpretação pessoal – acerca da vida e da obra literária do escritor.

O que acabo de dizer é confirmado por outra publicação, desta vez no *Diário de Notícias*, datada de 12 de junho de 1981, intitulada “Um país de comunidades”. Agustina começa por tecer um retrato dos portugueses dispersos pelo mundo e sobre o que tal expansão significou: “O que o homem aprende (...) é a generosidade quando passa fronteiras, o seu engenho é posto à prova, a sua solidão fabrica uma coragem às vezes despeitada, mas coragem na mesma e capaz de grandes coisas” (Bessa-Luís 2017: 1031).

Ora Camões adquiriu um estatuto de universalidade porque foi capaz de “interpretar a voz profunda de tantos portugueses para quem a terra natal não basta como espaço. (...) Nunca Camões é tão grande como quando traduz o que muitos sentem” (Bessa-Luís 2017: 1032).

Confessadamente mais fascinada pelo lírico do que pelo épico, a escritora explica essa preferência pela natureza da alma portuguesa:

Nós temos uma cultura afectiva, como outros têm uma cultura filosófica. Em tudo o que tocamos deixamos a marca desse afecto que nos poupou em grande parte ao contrato do tirano com a servidão. Somos um povo que sempre quis viver aproximado ao estado de natureza, e sempre quis evitar o estado de guerra” (Bessa-Luís 2017: 1032).

O que torna Camões “O português de todos os tempos” é o facto de ele exibir a identidade nacional ou, mais justamente, a visão de Agustina sobre a identidade nacional, feita de paradoxos, de ambiguidades, de grandezas e tibiezas, em suma, do que é o ser humano no sentido mais profundo desta expressão:

(...) ele representa, como tipo humano, o português de todos os tempos. É poeta, soldado, aventureiro; intelectual e mundano; vítima e herói; experiente e desprevenido; boa alma e cidadão discutível. Sentimental e capaz de frio juízo sobre todas as coisas. A sua liberdade é interior e não feita à imagem das circunstâncias. (...) nós nomeamos um poeta para falar de nós, e nesse poeta está contido o homem comum português. Não é só um poeta; é um homem de contradições extraordinárias como as que conhecemos não só durante o curso das nossas vidas, mas também dos dias e das horas todas (Bessa-Luís 2017: 1034-1035).

Em 10 de junho de 1984, numa conferência proferida em Caracas, à qual deu o significativo título de “A alma escrita”, Agustina reitera esta imagem de Camões como metáfora da identidade nacional:

Camões é um símbolo e funciona como tal. (...). Não o poeta d’Os Lusíadas, não o artista dos sonetos; não o misterioso soldado mutilado, não também o náufrago e o exilado. Não o amigo de aventureiros, de fidalgos avarentos ou generosos, de mulheres, belas, menos belas, maldosas, ternas, confidentes, traidoras, leais, indiferentes, mortas. É um símbolo. Quando se fala de Camões, diz-se Portugal. E, de repente, cada um de nós vê um território banhado de mar agitado e frio, com manhãs verdes de nevoeiro e com os campos onde os nomes das mais pequenas ervas nos fazem humedecer os olhos (Bessa-Luís 2000: 99).

Ao longo da sua carreira literária e ensaística, Agustina sempre se interessou por Portugal e pela sua História. O seu fascínio pela História de Portugal – ou, com mais propriedade, por uma peculiar visão da História – traduziu-se em intentos de interpretação da

identidade nacional, do lugar do país no mundo, das relações culturais com outros países europeus e não europeus.

Num interessante ensaio a que deu o título “Da fruição da história, em *A Monja de Lisboa* (1985), à desilusão da política, em *Os Meninos de Ouro* (1983), até à frivolidade de certas vidas, em *Os espaços em branco* (2003), ou do sibilino humor de Agustina Bessa-Luís”, Salvato Trigo sublinha a atração da escritora pela História e o processo de mistificação que nela realiza:

A história, em especial a história de Portugal (...), é um dos reservatórios semióticos mais inspiradores para esta nossa autora que, sem dúvida, renovou o sentido do romance na literatura portuguesa. (...)

Assume (...) a autora a mistificação como necessária, para a compreensão da vida, da existência mais do que da realidade, porque com esta lidam os historiadores e com aquela lidam os romancistas e os poetas (Trigo 2017: 75, 77).

No *Dicionário Imperfeito*, a escritora declarou que “Em todos nós, mesmo sem sermos cronistas, historiadores ou confortáveis narradores de romances de família, se encontra o direito ao movimento regressivo” (Bessa-Luís 2008: 130).

A ficcionalização da História atrai Agustina, que em *A Monja de Lisboa* declara a sua atração pela releitura da História oficial:

O mal dos historiadores é que dispõem cada vez mais de fontes onde colher informações. E de tanto que estudam, turva-se-lhes o entendimento para as coisas possíveis, tanto do corpo como da alma. Tudo são notas e averbamentos, e muito pouco é ciência original ou traduzida do mapa que é o coração humano (Bessa-Luís 1985: 9).

A adesão de Agustina à História é feita, portanto, sob os signos do questionamento (não significando tal questionamento o desinteresse pela pesquisa documental, que, efetivamente, a escritora realiza e reconhece, por exemplo quando reconhece em *A Monja de Lisboa* ter realizado “buscas documentais que este livro exigia” – Bessa-Luís 1985: 8), da imprecisão e da análise das fronteiras entre o discurso literário e o discurso histórico. Destes índices dão conta os seguintes comentários de *Adivinhas de Pedro e Inês*:

Não sei porque se dá mais crédito à História arrumada em arquivos, do que à literatura divulgada como arte de poetas. Mentem estes menos do que os outros, porque a inspiração anda mais perto da

verdade do que o conceito problemático da biografia, que é sempre cautelosa porque julga tratar de factos que a todos unem e interessam, e que acabam por ser, por isso, mais políticos do que relações de tempo entre os homens. (...)

A História é uma ficção controlada. A verdade é coisa muito diferente e jaz encoberta debaixo dos véus da razão prática e da férrea mão da angústia humana. Investigar a História ou os céus obscuros não se compadece com susceptibilidades (Bessa-Luís 1983: 132, 224).

A perspetiva de Agustina sobre eventos e figuras históricos revela uma tendência para a combinação da realidade com a fantasia. Assim acontece na reconstituição da biografia camoniana e na revisitação do percurso existencial do rei D. Sebastião no romance *O Mosteiro* (1980).

Ao fascínio de Agustina por Camões não é seguramente alheia a conceção da própria escritora sobre a História e figuras eminentes como combinação de realidade e fantasia. D. Sebastião é um caso exemplar e por ele se interessou diversas vezes Agustina. Numa palestra realizada na Academia das Ciências de Lisboa, em 13 de novembro de 1980, caracterizou-o como pícaro e heroico. Em *Fama e Segredo na história de Portugal*, éfaba sobre a natureza de D. Sebastião, qualificando-o como um adolescente “inteligente, vivo, confuso” (Bessa-Luís 2006: 98).

A recriação da biografia de D. Sebastião no romance *O Mosteiro*, demonstra a confissão de Agustina segundo a qual a sua ligação a Camões exhibe uma sintonia emocional – do poeta e da ficcionista.

O retrato que, ao longo dos séculos, foi feito por cronistas é substituído em Agustina por uma visão ficcionalizada do *Desejado*, poeticamente representada por Camões, que a escritora recorda, porventura numa manifestação de alguma suspeição diante das leituras historiográficas. Este elemento aponta para uma vertente pós-moderna da ficção da Agustina, nos termos identificados por Laura Bulger para a definição da metaficção historiográfica, que revela:

(...) certo cepticismo em relação ao passado, tal como ele nos chega narradora pela História, com a qual o texto literário mantém um diálogo irónico e malicioso, ficcionando-o segundo uma perspectiva do presente e demonstrando que o discurso histórico é, tal como o discurso da ficção, constituído por um sistema de signos, logo, um sistema instável, que, a um nível semântico, é susceptível de múltiplas interpretações (Bulger 1998: 65).

Assim se pode interpretar o monólogo do protagonista do romance acerca de D. Sebastião:

Belche percebeu que um homem assim não era só o que cronista fez dele ou os embaixadores escreveram, ou os amigos conversaram, ou os velhos tomaram como azar histórico a ponto de pensarem prendê-lo, salvando assim a honra e paz da nação. Ele era de certo modo aquela ‘maravilha fatal’ que Camões genialmente percebe; e diz isso com a ambiguidade que lhe é própria e o entendimento da sedução que os poetas têm como ninguém (Bessa-Luís 1980: 173).

Belche logrará, nesta medida, ser definido como *alter ego* da narradora, porquanto o seu espírito imaginativo revela uma preferência não tanto pela realidade presumivelmente objetiva da História, mas pela sua ficcionalização:

Mais do que a História, Belche amava os seus sussurros e a maneira ousada de a interpretar. Tinha o génio da probabilidade, e talvez, como o seu próprio pai, sentia uma certa tentação em pairar entre o erro e a certeza, concedendo a ambos armas e condições (Bessa-Luís 1980: 125).

4. É nos “sussurros” e nos interstícios da História oficial que Agustina procura ler a vida e a obra camonianas. Sintetiza em Camões a representação do que de melhor tem a História de Portugal, declarando comovidamente que, afinal, se sentiu menos interessada pela biografia do poeta do que pela sua dimensão simbólica. É esta que assegura a perenidade de Camões e, no comentário de Agustina, descobre o leitor que os dados biográficos a fascinaram menos do que essa síntese da identidade nacional que no poeta encontra:

Camões é a alma escrita dum povo inteiro. Não importa se fala de amores e de engenhosas coisas complicadas. Ele representa um momento da nossa História que se repete de tempos a tempos. Representa o desgosto severo do mundo ambicionado; das duras lutas, desejadas ou não (...). Porque nos deixa comovidos Camões? (...) não há vida sem aquele que a canta e dela faz memória. (...) Camões é um símbolo. Não pertence à casta dos autores que fazem o retrato dum acontecimento tal como foi vivido; não é um historiador, é um poeta. Um poeta habita na paixão (Bessa-Luís 2000: 101-102).

Tal como a ficção de Agustina é sobretudo representação de emoções tendencialmente dolorosas, assim aconselha a leitura de Camões porque “Melhor do que eu, melhor do que ninguém, soube compor saudades e imaginações de penas e tristezas que são

sobressaltos de alma, mais do que penas e tristezas concretas” (Bessa-Luís 2000: 103).

Em Agustina, escritora que ao longo de uma vasta obra literária, procedeu a uma arqueologia das emoções – o elemento que unifica uma criação aparente desconexa – não causa surpresa que, sob a aparência de um tom por vezes mordaz, se destaque uma profunda admiração por Camões enquanto figura especular da identidade nacional. Camões é “O português de todos os tempos” porque foi o poeta que melhor soube exprimir o sentido de ser português: “O homem que deveras nos traduz, como nenhum outro em nenhuma outra nação, é aquele que em versos descobre o nosso sentimento, um sentimento viril de ‘quem já tem o mundo experimentado’” (Bessa-Luís 2017: 1035).

Bibliografia

- Bessa-Luís, Agustina (1980): *O Mosteiro*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, Agustina (1983): *Adivinhas de Pedro e Inês*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, Agustina (1985): *A Monja de Lisboa*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, Agustina (2000): “A alma escrita”; “Portugal – 81”; “D. Sebastião, o pícaro e o heróico”, *Contemplação Carinhosa da Angústia*, Lisboa: Guimarães Editores, pp. 93-104, 199-211 e 229-244.
- Bessa-Luís, Agustina (2006): *Fama e Segredo na História de Portugal*, 2ª ed., Lisboa: Guerra e Paz Editores, S.A.
- Bessa-Luís, Agustina (2017): *Ensaios e Artigos (1951-2007)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Borges, Maria João (1995): “Ecos de Camões em alguns poetas contemporâneos”, *Românica*, 4, pp. 89-104.
- Bulger, Laura (1998): *As Máscaras da Memória. Estudos em Torno da Obra de Agustina*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Camões, Luís de (2006): *Os Lusíadas*, edição organizada por António José Saraiva, Porto: Figueirinhas.
- Franco, Márcia Arruda (2011): “Cânone literário português e Camões”, Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Caminho, pp. 321-338.

- Machado, Álvaro Manuel (2008): “Agustina e os modelos literários estrangeiros: paixão e ironia”, in Isabel Ponce de Leão (org.), *Estudos Agustínianos*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, pp.33-39.
- Martinho, Fernando J. B. (1995): “Camões e a poesia portuguesa contemporânea”, *Românica*, 4, pp. 63-79.
- Pereira, José Carlos (2011): “Camões e o(s) Modernismo(s) em Portugal”; “Camões e o Neorromantismo”, Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Caminho, pp. 210-219 e 243-253.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1994): “Função e significado do episódio da Ilha dos Amores na estrutura de *Os Lusíadas*” e “Imaginação e pensamento utópico no episódio da Ilha dos Amores”, *Camões. Labirintos e fascínios*, Lisboa, Cotovia, pp. 131-143.
- Trigo, Salvato (2017): “Da fruição da história, em *A Monja de Lisboa* (1985), à desilusão da política, em *Os Meninos de Ouro* (1983), até à frivolidade de certas vidas, em *Os espaços em branco* (2003), ou do sibilino humor de Agustina Bessa-Luís”, Maria do Carmo Mendes e Isabel Ponce de Leão (coord.), *Humores e Humor na Obra de Agustina Bessa-Luís*, Famalicão: Húmus, pp. 75-82.